



Americanah: a terceira diáspora como bioficção

Antonia de Thuin¹

PUC-Rio

antonia.dethuin@gmail.com

Resumen: Nesse texto, apresento como Chimamanda Ngozie Adichie, em seu livro *Americanah*, constrói uma narrativa com base em uma experiência do que pode ser chamado de terceira diáspora, isto é, de um movimento de fuga do continente africano nos dias de hoje, por motivos financeiros em grande parte. Esse movimento é perceptível em diversos países, e se segue às duas diásporas anteriores, a da escravidão e a do retorno, que em seu caso extremo, fundou a Libéria. A narrativa mostra um romance comum com a vida da personagem principal em sua trajetória diaspórica, que termina com a volta ao seu país de origem, Nigéria. Nesse trajeto, nos deparamos com um blog, fora da narrativa, produzido pela personagem principal, mas que tem trechos de um blog mantido pela autora. O blog, portanto, nos remete a uma ideia de autoficção, de que a autora nos conta uma história tendo a si mesma como partida.

Palabras clave: Chimamanda Ngozie Adichie – *Americanah* – terceira diáspora – blog – bioficção

Abstract: In this paper, I aim to address how Chimamamnda Ngozie Adichie, in her book *Americanah*, builds a narrative using an experience of what we can call as a third diaspora, that is, a contemporary runaway movement from the African Continent, mostly for economic reasons. This movement is present in several countries, and follows two previous diasporas: the slavery one, and the one marked by a return, that in its most emblematic example, created Liberia. The narrative shows a normal novel, with the life of the main character in its diasporic journey, that ends when she goes back to her mother nation, Nigeria. In the middle of this path, we see a blog, that gets away from the narrative, made by the main character, but that has parts of texts written for the internet by the author herself. A such, the blog makes us think about an idea of autofiction, in which the author tells us a history with herself as the beginning

Keywords: Chimamanda Ngozie Adichie – *Americanah* – third diaspora – blog – biofiction

¹ **Antonia de Thuin**, pesquisadora brasileira, no momento faz seu doutorado em Literatura, Cultura e contemporaneidade. Graduação em Design pela ESDI, tem também mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio.



Esse artigo pretende analisar o romance *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie. O romance conta a história de Ifemelu, mulher nigeriana que saiu de seu país para terminar seus estudos nos EUA, em parte por causa das dificuldades financeiras pessoais, em parte por causa de um governo que não investia nas faculdades que estavam se desmantelando. Ao chegar nos Estados Unidos, Ifemelu retoma contato com sua tia e seu sobrinho, que tinham saído de Lagos fazia muitos anos, e entra em contato com outros africanos que estudavam lá, percebendo então as diferenças culturais entre seu país natal e o em que foi estudar. Essas diferenças são colocadas em um blog, que entremeia a narrativa do livro, como entremeia a mesma narrativa a personagem principal sentada em um salão refazendo suas tranças e lembrando de sua história. A narrativa acompanha a personagem durante sua estadia nos EUA, o tempo em que estuda, trabalha, faz amigos e tem relações amorosas diferentes, até ela voltar para Lagos.

Nesse caminho, podemos dizer que Ifemelu representa o que Goli Guerreiro chama de terceira diáspora, um momento em que as trocas entre mundos negros é feita através da internet, e em que esses mundos se localizam por todo o planeta, num movimento em grande parte causado por questões financeiras, em contraposição à primeira diáspora, um movimento forçado causado pela escravidão, e à segunda, movimento de idas e voltas “voluntárias” ocorrido após o fim da escravidão e com o processo de independência dos países africanos, que gerou uma nova fase de trocas culturais pelo Atlântico. A palavra diáspora implica não só o deslocamento, mas o desejo de retorno. Como na diáspora original, bíblica, que traz em si a busca pela terra prometida.

Ifemelu sai da Nigéria e vai para os Estados Unidos sem saber exatamente o que encontrará, e chegando lá, após um período de reclusão em seus estudos, causado também por traumas pessoais, começa a entrar



em contato com as diferenças culturais entre seu país de origem e seu país de moradia. E começa a escrever um blog para registrar e analisar essas diferenças. Esse blog, ao qual somos apresentados logo no começo do livro, entremeia toda a narrativa do romance. Ele atravessa e conta a história da personagem não como a narrativa do romance, mas como inserções de fala da autora praticamente. Em entrevistas, Chimamanda declara ter escolhido a forma blog como uma maneira de não precisar falar com tanta autoridade ou conhecimento, não seria uma interferência acadêmica no meio do texto, mas uma interferência feita a partir de observações leigas, de alguém comum, um blog permitiria certa liberdade ao se falar de questões como raça que um texto acadêmico, por exemplo, não permite. O blog nos passaria parte da vida da personagem que não está colocada na história amorosa, na sua narrativa, mas entra sempre relacionado a algo que acontece na vida dela. Como se pudéssemos ver o que ela pensa de outra forma, mais estruturada, sujeito e falando da sua posição de imigrante e negra em uma sociedade racista.

No salão de cabelereiro para onde vai fazer suas tranças, Ifemelu senta e relembra toda a história. E a narrativa é trançada entre suas memórias, a vida de Teto e os blogs. O blog entra como uma quebra no texto. Ele quebra a narrativa de Ifemelu e de sua vida romântica, fala de questões de gênero e raça, das diferenças culturais e de como isso causa estranhamento para a personagem, que escreve:

Mas, meus colegas negros não americanos, não fiquem se achando. Porque essa merda também acontece nos nossos países caribenhos e africanos. Não é tão ruim quanto com os negros americanos, você acha mesmo? Talvez. Mas ainda assim acontece. Aliás, que história é essa de os etíopes acharem que não são tão negros? E porque os caribenhos se apressam tanto em dizer que têm ancestrais de várias raças? (Adichie *Americanah* 232).



Esse blog, então, tira o texto do que seria uma narrativa comum de autoficção, em que podemos identificar as questões de semelhança entre a autora e sua personagem, e traz o texto para um espaço em que a voz parece ser a da autora. Uma desconstrução do texto que até então parecia a narrativa simples de uma pessoa entretida em uma nostalgia de sua história. O blog não entra no passado ou contando a narrativa da vida, mas interrompendo isso e colocando a opinião da personagem, que se mistura com a da autora, aparente em diversas entrevistas e palestras disponíveis pela internet. Posteriormente, a autora manteve um blog da personagem, criando uma continuação online do livro. Esse blog contém opiniões da personagem sobre a Nigéria e as notícias, bem como pequenos relatos de sua vida após o fim da narrativa contada no livro.

Assim, a quebra nos traz para a realidade da opinião da autora sobre determinados assuntos, colocando a autoficção aqui como mais do que uma ficção em cima de fatos acontecidos na vida da autora, mas também como parte de uma história que também pretende passar a opinião de Chimamanda sobre as questões com as quais a personagem se depara ao longo de sua história. Racismo, notícias, machismo, até a questão do cabelo da personagem são algumas das questões discutidas pelo seu blog, que nos dá mais do que uma visão interior da personagem, mas também da autora. Aqui ela fala do sujeito dessa terceira diáspora, que não está localizado somente no espaço físico, mas também na internet, onde pode realizar trocas culturais e se expressar.

A bioficção então entra em um espaço em que o corpo da personagem não está mais apenas como corpo que sofre a mudança de território, mas também na medida em que o corpo da personagem é transformado em corpo virtual. Na internet, no blog, a personagem se coloca e aparece de forma diferente do resto do livro. O livro então trança



três narrativas: Ifemelu e suas lembranças, que nos são contadas enquanto ela trança seus cabelos no pequeno salão de subúrbio, O blog que intervém nessas lembranças, nos colocando o ponto de vista da personagem na época dos acontecimentos, e a vida de Teto em sua própria viagem pelo Reino Unido.

Ifemelu então aparece na narrativa de maneira anacrônica, visto que podemos ver como ela pensa no tempo em que narra sobre os acontecimentos e simultaneamente sabemos como pensava na época em que os acontecimentos se deram. A personagem aparece partida em dois, ao mesmo tempo no presente da narrativa e no presente do blog por ela escrito. A narrativa em terceira pessoa do restante do livro, no passado, contrasta e conversa com a narrativa do presente utilizada no blog. Se a narrativa fala da vida de Ifemelu até ali, desde a infância, contando como ela chegou nesse ponto de sua vida, como conheceu Obinze, como aqui:

Obinze se encaixava ali, naquela escola, muito mais do que ela. Ifemelu era popular, sempre era convidada para todas as festas e, nas reuniões de alunos, era anunciada como uma das três primeiras do ano, mas sentia-se encerrada por um halo translúcido de diferença. Não estaria ali se não tivesse se saído tão bem na prova de admissão, se o seu pai não estivesse determinado a mandá-la estudar "numa escola que tanto forma caráter quanto prepara para uma carreira". O ensino fundamental fora diferente, numa escola cheia de crianças como ela, cujos pais eram funcionários públicos, e que andavam de ônibus e não tinham motorista (76).

O blog entra sempre com a voz no presente, das observações feitas enquanto os acontecimentos se desenrolaram, como aqui:

Entendo a América para o Negro Não Americano:

O tribalismo americano

Nos Estados Unidos, o tribalismo vai muito bem, obrigado. Existem quatro tipos: de classe, ideologia, região e raça. Em primeiro lugar, vamos ao de classe. É bem fácil. Ele separa os ricos dos pobres.

Em segundo lugar, de ideologia. Liberais e conservadores. [...] Finalmente, o de raça. Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo, especificamente os brancos, de família anglo-saxão e protestante, conhecidos como wasps, e os negros sempre estão no nível mais baixo, enquanto o que está no meio depende da época e do lugar (201).

A mudança de tipo de texto faz um corte na narrativa, uma mudança de ponto de vista do pessoal para o geral, e coloca em questão o que Chimamanda busca discutir ali. Sua Ifemelu não é apenas uma personagem trançando os cabelos e lembrando como chegou ali, é uma personagem que traz em seu corpo e em sua história as violências vividas por ser uma negra africana que mora nos EUA. E o blog tem função também na história narrada da personagem, afinal, é por causa dele que ela ganha sua bolsa, é por causa dele que ela pode voltar a estudar e em última análise e por causa dele que volta para a Nigéria.

O livro começa com a personagem indo para o salão trançar o cabelo e ao longo da narrativa vemos como a forma de lidar com o cabelo muda a forma como a personagem lida com sua presença no mundo. E a inserção do blog também nos coloca essa mudança, vista pela personagem, não pelo narrador. Chimamanda então faz não apenas uma bioficção porque ficcionaliza a sua vida, mas na realidade aqui ela ficcionaliza o seu pensamento e suas opiniões. Não são os acontecimentos da vida do autor que criam a ideia de uma biografia em ficção, mas sim a forma como entra a voz da personagem em suas opiniões destacadas da narrativa. E a continuação do blog na internet com o que seria a vida da personagem após o fim do livro reforçam essa ideia. Ao comentar notícias de jornal e entrevistas nesse blog, que seria alimentado por Ifemelu, vemos as mesmas opiniões dadas por Chimamanda em suas entrevistas a respeito de África, de feminismo entre outros.



A autora então busca nos levar por uma narrativa que não é linear não somente por misturar diversos momentos da vida, mas por cortar a história da personagem com a opinião da personagem sobre os acontecimentos, com textos que têm um estatuto diferente de compreensão e que nos levam a diferentes reflexões. Se a vida da personagem segue uma trajetória de busca pelo amor romântico idealizado na personagem de Obinze –que ela chama de teto, apelido de quando começaram a se conhecer, ainda adolescentes– o blog entra como discussão do espaço ocupado pela personagem e por seus conterrâneos no mundo, uma discussão do sujeito negro em diáspora, deslocado. O blog irrompe no texto para que a discussão desse sujeito possa existir.

Bibliografia

Adichie, Chimamanda Ngozi. *Vídeo encontrado no site TED*. Web: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br Acesso: 20/04/2016.

---. *Americanah*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Guerreiro, Goli. *Terceira Diáspora, culturas negras do mundo atlântico*. Salvador: Corrupio, 2010.

Gilroy, Paul. *O atlântico negro, Modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Kapel Moreira. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro Asiáticos, Universidade Candido Mendes, Editora 34, 2001.